

Diversidade em benefício da instituição



Paulo Eduardo Xavier,
diretor-geral do INCA

O diretor-geral do INCA, Paulo Eduardo Xavier, falou ao *Informe INCA* sobre as prioridades de sua gestão e listou alguns desafios para o controle do câncer no País na atualidade. Favorável às diferenças, espera promover rodas de negociação com os trabalhadores, em busca do formato mais adequado à instituição.

O que considera prioritário para o INCA hoje?

A instituição precisa olhar para si mesma e se reorganizar, especialmente no que se refere à gestão intermediária. É um bom momento para uma reflexão sobre a estrutura e o papel de cada líder. Outro desafio importante é repensar o projeto estratégico do INCA. É reconhecida nossa capacidade assistencial, de cuidar. Formamos recursos humanos que atuam em todo o Brasil e no exterior, o que atesta nossa excelência na área acadêmica. Temos múltiplos projetos de pesquisa clínica, básica, molecular e translacional desenvolvidos aqui, em parceria com outras instituições nacionais e internacionais. Precisamos manter a qualidade em todas essas vertentes para fortalecer nossa inserção no cenário político brasileiro. A variedade de boas notícias que recebemos e dos bons resultados que obtemos todos os dias é prova de que temos total condição de fazer isso. Vamos estudar qual o melhor formato jurídico administrativo para atuar nesse *mix* instituto de pesquisa, atenção, ensino e geração de políticas de controle do câncer, fortalecendo o Sistema Único de Saúde (SUS).

Dê exemplos de desafios para o controle do câncer no país hoje e como o INCA pode contribuir para enfrentá-los.

Cada vez temos mais casos de câncer, devido ao próprio desenvolvimento da sociedade. Se o Brasil quiser enfrentar com efetividade o problema, tem que aumentar a capacidade de proposição terapêutica e de inovação, que vai além de gerir a incorporação tecnológica. Não existe possibilidade de se tratar todas as pessoas com câncer se não tivermos autonomia na invenção relacionada ao cuidado da doença. Acho que esse talvez seja o principal desafio do Brasil e o INCA tem tudo para ser o articulador desse processo. Com o aumento da incidência de câncer, precisamos também cada vez mais buscar o desenvolvimento pleno da nossa capacidade assistencial. Para cuidarmos bem das pessoas, todo clínico, médico da família, profissional de saúde deve estar ciente da importância da noção da ponta final do tratamento, que são os cuidados paliativos. É um conceito que temos muito bem desenvolvido dentro do Instituto, mas que precisa ser multiplicado para além dos nossos muros. São dois exemplos de questões em que o INCA pode intervir e assumir um papel de supervisão e disseminação. Por outro lado, não podemos apenas nos ocupar com a ideia de diagnóstico cada vez mais precoce, mas também em procurar um impacto crescente sobre a ocorrência de novos casos. Falo aqui da atuação contundente do INCA junto aos governos, suas políticas públicas, bem como junto à sociedade brasileira no sentido de promover uma vida mais saudável, com redução de riscos por meio da produção de alimentos com menos carga de agrotóxicos, redução de poluentes industriais e resíduos tóxicos e enfrentamento da "epidemia" de obesidade, tal como se vem enfrentando o problema do tabagismo com sucesso.

Há alguma característica pessoal sua que destacaria como algo que pode influenciar sua atuação no INCA?

Eu amo a diversidade. Diversidade é riqueza. Quando temos um problema, precisamos do outro. Precisamos de diferentes opiniões, experiências, conhecimentos e da solidariedade alheia. Acredito que essa característica minha de reconhecer e gerar oportunidades a partir da diferença entre instituições e pessoas pode ser aproveitada em benefício do INCA. Quando enxergamos a singularidade de todos os envolvidos, podemos promover rodas de negociação e, com isso, construir uma gestão mais participativa, mais solidária mesmo.